

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, resistência e diferenciação social [recurso eletrônico] /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-203-6

DOI 10.22533/at.ed.036192803

1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de

novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

No artigo *A comunidade dos Arturos: existir, resistir, sobrevir*, as autoras, Elenice Martins Barros Castro e Edilene Dias Matos buscam difundir-las, através de festas, ritos e outras manifestações. Nos momentos festivos, sua história é contada por cantos, danças, ritmos dos tambores e dos rituais, que transmitem um legado secular. No artigo **A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ**, a autora Francisca Thamires Lima de Sousa, busca identificar e analisar as principais implicações socioculturais ocasionadas aos quilombolas que residem na agrovila de Marudá desde a implantação do Centro de Lançamento e as principais transformações espaciais. No artigo **ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO**, a autora ÉLIDA LIMA pretende instigar brevemente a crítica de algumas formas pelas quais efeitos teóricos e afetos cotidianos da branquitude têm suscitado enfrentamentos e transformações no movimento de mulheres brasileiras nos últimos anos, em especial na experiência feminista interseccional. No artigo **AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL**, os autores Liliane da Silva Santos e Diogo Francisco Cruz Monteiro examinam documentos sobre os direitos garantidos aos índios na Constituição de 1988 e averiguar as posições dos juristas sobre a PEC 215 e a tese do marco temporal. Realizamos revisão de literatura, análises de legislações indigenistas, das decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre as demarcações de terras indígenas. No artigo **BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA**: contribuições para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, o autor Valcir Bispo Santos busca apresentar alguns elementos que possam contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, maior cidade da Amazônia Oriental brasileira. A ideia básica é que a elaboração deste plano pode se sustentar em três (3) diretrizes fundamentais: Participação Social, Criatividade e Diversidade Cultural. No artigo **CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS**, os autores Aurionelia Reis Baldez Joice de Oliveira Faria identificar como vem sendo pensada a salvaguarda das culturas populares através do corpo que dança, apontando limiares entre espetacularização nas rodas da cultura e a realidade vivida nas estruturas de poder capitalista. Guiaremos nossa cartografia poética tendo o samba de roda como principal fonte de observação para pensar corpos privados e corpos políticos. A partir das reflexões feitas por Stuart Hall (2013). No artigo **CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS**, os autores, Juliano Batista dos Santos, Jordan Antonio de Souza, José Serafim Bertoloto buscam realizar uma análise teórico-reflexiva sobre a forma como a Antropologia, a Semiótica da Cultura e os Estudos Culturais abordam, estudam e interpretam a cultura. O propósito, todavia, não está reduzido ao entendimento da identidade de cada uma dessas ciências. **DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA** os

autores João Luiz Pereira Domingues, Leandro de Paula Santos, Mariana de Oliveira Silva buscam diagnosticar variações narrativas que forjam novos parâmetros de legitimidade para o tratamento da cultura em nível federal em um processo que se organiza sob dois atos discursivos, nomeados ato fóbico e ato mágico pós-político. No artigo **DO EXCESSO DE IMAGENS AO ESVAZIAMENTO DA MENTE**, a autora Sophia Mídián Bagues dos Santos busca aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. No artigo **MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR**, o autor Miguel Bonumá Brunet analisa três concepções sobre o conceito de cultura popular, visando a compreendê-las sob a perspectiva da sociologia compreensiva, buscando delinear tipos-ideais balizados nos sentidos intentados pelos atores sociais que praticam ações de produção, difusão e fruição cultural. No artigo **O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO** a autora ALDA FÁTIMA DE SOUZA trata da associação dos diversos e atuais estudos sobre a emissão vocal, que nos permite direcionar nossa voz para a fala ou o canto, com a pesquisa de doutorado em andamento “Reprises Circenses: as bases fundantes e históricas evidentes nos circos brasileiros”. No artigo **O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO**, os autores Amanda Souza Ávila Lobo Auterives Maciel Jr. Milene de Cássia Silveira Gusmão buscam pontuar como o cinema marginal traz um pensamento nômade de máquina de guerra, na medida em que se utiliza de signos que fogem ou que fazem fugir o império dos modelos maiores, entrando em relação com outros domínios moleculares de sensibilidade que transgridem ou propõem transvalorar os valores. No artigo **TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**, os autores Liana Barcelos Porto e Adival José Reinert Junior buscam compreender como o patrimônio cultural e religioso vem sendo trabalhado nas escolas da sede da rede municipal da Cidade de Canguçu RS (Canguçu tem 33 escolas municipais, 6 localizadas na cidade e 27 no interior do município). **TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL**, os autores Allan Hoffmann, Nadja de Carvalho Lamas, Euler Renato Westphal buscam discutir sobre o campo do Patrimônio, principalmente nas categorias de patrimônio cultural, aplicados em um experimento educacional e instalação de Arte&Ciência Trilha da Vida presente na paisagem cultural do bairro da Limeira em Camboriú/SC. No artigo **ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”**, a autora Natacha Muriel López Gallucci, busca discutir e teorizar aspectos éticos da investigação audiovisual na fronteira entre o filme documentário e o denominado “ensaio fílmico” tomando como objeto de reflexão o processo de pesquisa empírica, registro imagético, edição e exibição do curta-metragem Filosofias do corpo no Cariri cearense (2018). No artigo **Cultura, Resistencia e Diferenciação Social**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Heitor Messias Reimão de Melo, Paulo Rennes Marçal Ribeiro,

buscam analisar na obra Freud, em O mal-estar da civilização, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMUNIDADE DOS ARTUROS: EXISTIR, RESISTIR, SOBREVIVIR	
<i>Elenice Martins Barros Castro</i>	
<i>Edilene Dias Matos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928031	
CAPÍTULO 2	12
A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCACIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ	
<i>Francisca Thamires Lima de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928032	
CAPÍTULO 3	26
ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO	
<i>Élida Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928033	
CAPÍTULO 4	34
AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL	
<i>Liliane da Silva Santos</i>	
<i>Diogo Francisco Cruz Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928034	
CAPÍTULO 5	48
BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELÉM	
<i>Valcir Bispo Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928035	
CAPÍTULO 6	66
CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS	
<i>Aurionelia Reis Baldez</i>	
<i>Joice de Oliveira Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928036	
CAPÍTULO 7	75
CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS	
<i>Juliano Batista dos Santos</i>	
<i>Jordan Antonio de Souza</i>	
<i>José Serafim Bertoloto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928037	

CAPÍTULO 8	91
DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	
<i>João Luiz Pereira Domingues</i>	
<i>Leandro de Paula Santos</i>	
<i>Mariana de Oliveira Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928038	
CAPÍTULO 9	106
DO EXCESSO DE IMAGENS AO Esvaziamento da Mente	
<i>Sophia Mídan Bagues dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928039	
CAPÍTULO 10	115
MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR	
<i>Miguel Bonumá Brunet</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280310	
CAPÍTULO 11	130
O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO	
<i>Alda Fátima de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280311	
CAPÍTULO 12	138
O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO	
<i>Amanda Souza Ávila Lobo</i>	
<i>Auterives Maciel Jr</i>	
<i>Milene de Cássia Silveira Gusmão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280312	
CAPÍTULO 13	148
TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	
<i>Liana Barcelos Porto</i>	
<i>Adival José Reinert Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280313	
CAPÍTULO 14	155
TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL	
<i>Allan Hoffmann</i>	
<i>Nadja de Carvalho Lamas</i>	
<i>Euler Renato Westphal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280314	
CAPÍTULO 15	166
ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”	
<i>Natacha Muriel López Gallucci</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280315	

CAPÍTULO 16 183

UMA PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA: RESISTÊNCIA E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.03619280316

SOBRE A ORGANIZADORA..... 194

CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS

Juliano Batista dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso,
Faculdade de Comunicação e Artes, Programa
de Pós-Graduação em Estudos de Cultura
Contemporânea.
Cuiabá – Mato Grosso

Jordan Antonio de Souza

Universidade Federal de Mato Grosso,
Faculdade de Comunicação e Artes, Programa
de Pós-Graduação em Estudos de Cultura
Contemporânea.
Cuiabá – Mato Grosso

José Serafim Bertoloto

Universidade Federal de Mato Grosso,
Faculdade de Comunicação e Artes, Programa
de Pós-Graduação em Estudos de Cultura
Contemporânea.
Cuiabá – Mato Grosso

RESUMO: O presente trabalho traz uma análise teórico-reflexiva sobre a forma como a Antropologia, a Semiótica da Cultura e os Estudos Culturais abordam, estudam e interpretam a cultura. O propósito, todavia, não está reduzido ao entendimento da identidade de cada uma dessas ciências. Em meio a evolução do texto é apresentada, por meio de dialética e comparação entre suas epistemologias, as diferenças, visíveis e singelas, entre os conceitos elaborados por uma e outra(s). Há também a preocupação de mostrar e esclarecer que um

mesmo objeto e/ou sujeito escolhido à pesquisa pode, não só nas ciências humanas e sociais, ser observado, apreendido e compreendido de diversas maneiras, de modo que todas elas, admitida a devida coesão e coerência lógica do pensamento elaborado, coexistam, não como concepções antagônicas e sim como matrizes abertas, possíveis e disponíveis às necessidades de cada pesquisa e investigador. **PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Performance. Antropologia. Semiótica. Estudos Culturais.

ABSTRACT: The present work brings a theoretical-reflexive analysis on the form as the Anthropology, the Semiotics of the Culture and the Cultural Studies approach, they study and they interpret the culture. The purpose, though, it is not reduced to the understanding of the identity of each one of those sciences. Amid evolution of the text it is presented, through dialectics and comparison among their epistemologies, the differences, visible and simple, among the concepts elaborated by an and other (s). There is also the concern of to show and to explain that a same object and/or I subject chosen to the research can, not only in the humanities and social, to be observed, apprehended and understood in several ways, so that all of them, admitted the due cohesion and logical coherence of the elaborated thought, coexist, I don't eat antagonistic conceptions and

yes as head offices open, possible and available to the needs of each research and investigator.

KEYWORDS: Culture. Performance. Anthropology. Semiotics. Cultural Studies.

Este capítulo é uma versão mais extensa e aprofundada da comunicação intitulada *A cultura na percepção da Antropologia, Semiótica da Cultura e Estudos Culturais*, apresentado no XIV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), entre os dias 07 e 10 de agosto de 2018, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador, Brasil. Mais precisamente no Grupo de Trabalho 15 (ou GT15) de nome *Semiótica e Cultura III: intersemioses*.

1 | INTRODUÇÃO

A palavra cultura vem do latim *colere* que na língua portuguesa significa “cuidar de plantas”, “ato de plantar e cultivar plantas” ou “realização de atividades agrícolas” (FERREIRA, 2004). Entre seus muitos significados uma característica comum é preservada nas definições: a cultura é, independentemente de qualquer coisa, uma ação ativa dos homens, isto é, uma criação exclusivamente humana, algo que não é obra do acaso, nem da Natureza e nem de Deus.

Na Grécia Antiga, mais precisamente antes do período clássico V-IV a.C., quer dizer, antes da criação das primeiras teorias epistemológicas sobre as Artes, todas as criações humanas eram entendidas como arte, no sentido de “arte-ficial”. Aristóteles (1985), por exemplo, em seu livro *Ética a Nicômaco* define como artificial tudo que não é natural. Para ele, a naturalidade, animada ou não, é produto do Ato-Puro, enquanto que todas as outras coisas são consideradas cultura, ou seja, extensões da produtividade e criatividade dos homens.

Da antiguidade à contemporaneidade o conceito de cultura foi sendo reinventado, reinterpretado, readaptado no tempo e espaço sem, contudo, deixar de ser entendida como ação, ou melhor, “criação” humana. Aliás, na modernidade pensar sobre cultura se tornou tão importante por causa dos descobrimentos de “novos mundos e povos” que novas epistemologias, voltadas tão-somente para pensar a(s) cultura(s), emergiram, passando, tempos depois, do status de disciplinas ao de ciências. São elas: Antropologia, Semiótica da Cultura e Estudos de Cultura.

Apesar dessas três epistemes terem em comum um mesmo objeto de estudo, a forma como cada uma delas apreende a cultura é distinta. Segundo Annemarie Mol (2008) enxergar uma mesma coisa de diferentes maneiras, sem privilegiar e/ou excluir uma(s) e outra(s), é denominado de performance ou realidade performada em oposição aos conceitos de perspectivismo e construtivismo.

Para esclarecer o conceito de realidade performada Mol (2008) utiliza a história sobre as variações de interpretações dos conceitos de anemia na medicina que, na prática, é performada das seguintes maneiras: performance clínica, performance

estatística e performance patofisiológica. A primeira baseia-se em um conjunto de sintomas visíveis, a segunda baseia-se em um nível de padrão coletivo de hemoglobina e a terceira em um nível individual de hemoglobina.

As três formas de lidar com a anemia, ou melhor, as três diferentes anemias que, em nenhum momento se excluem ou mesmo deixam de ser anemias, têm coexistido há décadas pelo fato de a performance admitir múltiplas versões – realidades plurais que não se anulam quando contrárias e/ou contraditórias –, uma vez que elas não são perspectivas de diferentes pessoas e nem construtivismos do passado dos quais só uma teoria sobreviveu.

Baseando-se nas teorias de Mol (2008) são apresentadas abaixo a cultura e suas performances na Antropologia, Semiótica da Cultura e Estudos de Cultura. O intuito é mostrar que as diferentes maneiras de olhar para um mesmo objeto, independentemente de qual ele seja, permite não só a elaboração, interpretação e entendimentos mais amplos e precisos das pluralidades humanas, como também refuta a crença de que a verdade é única, universal e absoluta (FEYERABEND, 2010; PRIGOGINE, 1996).

2 | A CULTURA NA PERFORMANCE DA ANTROPOLOGIA

Historicamente o primeiro uso do termo antropologia remete a Aristóteles IV a.C. cuja concepção de ciência prática, denominada de *phrónesis*, representa os estudos da criação de conhecimentos mediante a observação das ações e relações humanas que, por vontade, definem seus próprios valores, donde a concepção de cultura, em um primeiro momento, como processo de formação educacional do cidadão de acordo com os ideais da *pólis*.

Mais tarde, durante os séculos 18 e 19, principalmente após o Iluminismo, tal definição torna-se significativamente relevante, passando na contemporaneidade por readequações, de modo que o homem no século 20 passa a ser entendido pela antropologia, já consolidada como ciência, como ser biológico, social e cultural – algo possível somente porque o termo cultura passa a designar os elementos que são produzidos a partir daquela formação culta (filosofias, artes e ciências) expressa na forma de organização da vida social e política, local de origem da civilidade.

Na primeira configuração de cultura, que se arrasta da antiguidade até a modernidade, natureza e sociedade não se opõem, pois, apesar do homem ser em si uma criatura natural, ele é dotado de razão e capacidade para trabalhar, cujas criações, materiais ou imateriais, agregam-se como uma segunda natureza dos indivíduos que, não é inata, mas socializada.

Na segunda configuração de cultura, que vai da modernidade à contemporaneidade, há a desunião e, posteriormente, a contraposição entre natureza e cultura. Isso acontece porque a natureza é tomada como determinista e o homem

como um ser livre. Consequentemente, a natureza opera com leis de causa e efeito definidas no tempo como repetição, enquanto que a cultura se torna o campo instituído pelos atos humanos que, historicamente, dão sentido às suas ações e constroem a conexão entre o motivo de sua ação, a ação propriamente dita e seus efeitos, o que faz da cultura o tempo da transformação.

Antes e durante essa última aceção, principalmente nos países colonizadores, a elaboração do pensamento antropológico, durante a maior parte da história de seu desenvolvimento, principalmente no século 19, é compreendida como uma ciência positiva que, por excelência, dirigia-se à organização física e social do homem e a sua variabilidade no tempo biológico e no espaço geográfico que, através de perspectivas antropomórficas, antropogênicas e étnicas, cunham os conceitos de raças, hierarquizando civilizações inteiras e legitimando a dominação nos países definidos como subdesenvolvidos.

Os arquétipos de raças objetivaram estruturar por meio de estereótipos físicos semelhantes, comportamentos comuns, graus de tecnologia e estratificações sociais a verossimilhança entre indivíduos e grupos sociais, conceito que na segunda metade do século 20, frente ao desenvolvimento da genética que enxerga o *homo sapiens* como fenômeno biossocial, é duramente criticado por entender que a biologia e a geografia influenciam, porém não determinam os comportamentos culturais.

A construção do conceito contemporâneo de cultura torna-se indissociável da edificação do conceito de antropologia que, a princípio, é tomado como a ciência que busca compreender a diversidade cultural e o outro. À vista disso, o antropólogo passa a ser enxergado como o pesquisador que tenta familiarizar o exótico e exotizar o familiar (DAMATTA, 1978) a fim de sistematizar a história natural dos homens e interpretar a sua evolução (MORGAN, 2005), organização social (horda, clãs, tribos e sociedades (QUINTANEIRO, BARBOSA, OLIVEIRA, 2003) e, fundamentalmente, as suas manifestações culturais (TYLOR, 2005).

A história da formação da ciência antropológica como nós a conhecemos hoje somente se consolida como epistemologia acadêmica a partir da ocupação de uma posição específica no sistema de disciplinas sociais que, em um primeiro momento, o da modernidade, com Edward Tylor e Franz Boas, trata de questões referentes a ciclos culturais e naturais cuja diferença e oposição deram origem a ideia de civilização como sinônimo de cultura, embora, em um segundo momento, na pós-modernidade, Clifford Geertz e Marshall Sahlins, acabam por dissociar cultura e sociedade por entenderem que as práticas sociais têm uma dimensão cultural, embora nem tudo que é produzido seja cultura.

Tylor (2005) diretamente e Boas (2005) indiretamente têm a preocupação em definir o conceito de cultura. O primeiro é adepto do darwinismo social e enxerga a ideia de cultura no singular: unidade e universalidade, pois, obrigatoriamente, a cultura se apresenta como a “soma de traços” (TYLOR, 2005, p. 69), fragmentos que não admite noções de diversidades visto que o desenvolvimento social segue uma única

direção e sentido: a sociedade ocidental europeia.

O segundo se opõe a ideia de evolucionismo pois enxerga a cultura como uma escala evolutiva plural e relativa, mas não difusa, uma vez que as culturas são processos históricos dinâmicos que devem ser analisados estritamente no contexto em que são produzidas, independentemente de se admitir, ou não, a existência da transculturação quanto ao desenvolvimento das tecnologias empregadas à sobrevivência ou das formas em que se estabelecem as relações de cada sociedade, em cada tempo e lugar.

É importante destacar que as teorias tyloriana e boasiana têm em comum não apenas a preocupação em definir o ideal de cultura e metodologias de pesquisa comparativa nos estudos sobre cultura. Ambas as teorias igualmente se voltam principalmente à análise de sociedades entendidas como exóticas e admitem que todos os indivíduos, independentemente dos costumes, possuem uma mesma faculdade de pensamento.

Eles também ratificam que os elementos que compõem uma mesma cultura (fábulas, artes, utensílios, vestuários, política etc.) devem ser interpretados como fragmentos interdependentes, embora, a de se destacar que Tylor nega o relativismo proposto por Boas, apesar de ora ou outra essa ideia aparecer em suas concepções e conceitos sobre hábitos e costumes.

Na pós-modernidade Geertz (1989) e Sahlins (2003) veem as culturas, no plural, como interpretação e simbolização, respectivamente. Para tanto, ambos abandonam as visões abrangentes de cultura por entenderem que essas definições mais confundem do que esclarecem os antropólogos. Em contrapartida, o primeiro propõe a cultura como integração global e diferenciação local (descrição densa) e, o segundo, propõe a cultura como uma síntese de opostos: unidade da dualidade, isto é, um evento que é ao mesmo tempo conservador e inovador.

Geertz através da hermenêutica, com contribuições da Semiótica, propõe que a sociedade deva ser lida como textos, ou seja, como um universo de teias de significados sempre abertas às novas interpretações da etnologia e da etnografia – armas indispensáveis para a descrição das tradições de cada um dos nós, ou símbolos sociais, que unem as teias.

Seu objetivo é descobrir a imagem da identidade cultural como um campo de diferenças que se confrontam em todos os níveis da heterogeneidade de símbolos sem excluir as suas particularidades frente às diversas sociedades. Nas palavras de Geertz (2001, p. 217):

Não importa o que desejemos ou encaremos como esclarecimento, a diversidade das culturas persiste e prolifera, mesmo em meio e até em resposta às poderosas forças de vinculação da indústria, das finanças, das viagens e do comércio modernos. Quanto mais as coisas se juntam, mais ficam separadas: o mundo uniforme não está muito mais próximo do que a sociedade sem classes.

Logo, em “vez de apenas a cultura como tal, passamos a ter culturas – delimitadas, coerentes, coesas e autônomas: organismos sociais, cristais semióticos, micromundos” (GEERTZ, 2001, p. 217-218), cuja descentralização de perspectivas e a redefinição de horizontes permitem observar que a unidade e a identidade existentes terão que ser negociadas, produzidas a partir das diferenças, fazendo com que a definição genérica de antropologia à avaliação de “caixas dentro de caixas” (GEERTZ, 2001, p. 221) não atenda a descrição de um mundo que é múltiplo, misturado, irregular, cambiante, descontínuo e dinâmico.

Para Sahlins (1990), que não se enquadra em nenhuma das correntes clássicas da antropologia, a cultura não é um objeto em vias de extinção, não é consenso e muito menos um conceito fixo devido os perigos moral (racismo) e político (imperialismo) elencados nas generalizações dos significados de cultura que, por serem aplicados de modo binário (eu *versus* outros), coloca um dos lados como o dominante, causando assim as maiores atrocidades através da força etnocêntrica.

O pensamento sahlinsiano entende a cultura como um ornamento histórico, não no sentido de tempo, mas como um jogo entre presente (estrutura existente) e transformação (conjunturas de ordem simbólica) que alteram, por tensão e não dominação, as coisas em conceitos por meio da ação humana que indissociabiliza os aspectos matérias e culturais, cabendo ao antropólogo culturalizar o local que estuda a fim de descrever o que os nativos já sabem (ou talvez não).

A partir do século 20, independentemente de o antropólogo ser moderno ou pós-moderno, algo em comum eles possuem: estudam os homens na condição de seres culturais na tentativa de demarcar em que momento e de que modo os seres humanos estabeleceram suas diferenças diante da natureza, produzindo assim a cultura.

Para a antropologia a cultura pode ter sido instituída, marcando simbolicamente a diferença entre homem e natureza, de duas formas possíveis: criação da lei da proibição do incesto e/ou criação da lei que separa o cru do cozido. Na natureza as restrições sexuais por graus de parentesco e o preparo de alimentos pela manipulação do fogo são regras que não existem, o que permite diferenciar o que é humano e o que não é.

Desse modo, a sexualidade e a culinária permitiram a criação de dimensões de ordem simbólica nas relações humanas, que na realidade não se apresentam como simples regras, mas sim como normas de conduta que asseveram a existência, conservação e organização da vida dos indivíduos em sociedade, possibilitando assim o surgimento da cultura que, em geral, pode ser interpretada principalmente dos seguintes modos:

- 1º a cultura como elaboração de sistemas morais e/ou legais que estabelecem o que é permitido, proibido e obrigatório aos atos humanos e suas relações;
- 2º a cultura como demarcação dos limites sexuais entre membros familiares consanguíneos, o que possibilita, por sua vez, a formação de grupos sociais,

mecânico ou orgânico, a partir da associação de outras pessoas;

3º a cultura como proibição no consumo de alimentos crus, que na realidade refere-se à relação do homem com a natureza no esforço de produzir a sua própria existência;

4º e, por fim, a cultura como produção de conhecimentos nas mais variadas áreas dos saberes.

3 | A CULTURA NA PERFORMANCE DA SEMIÓTICA DA CULTURA

A *Semiótica da Cultura* nasceu na Universidade de Tártu, por volta dos anos 60 do século 20, como uma disciplina teórica de estudos russos, na região da Estônia, país anexado a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Seu objetivo fora buscar compreender a comunicação e a cultura. A primeira como sistema semiótico e a segunda como texto, quer dizer, como código semiótico e código cultural.

Para tanto a Semiótica da Cultura, quando recém-elaborada, busca se basear nas epistemologias da Semiótica, Linguística, Cibernética e Teorias da Comunicação nos moldes semioticista. A finalidade é inter-relacionar os complexos sistemas de símbolos como processo de modelização entre cultura/texto e semiótica/comunicação e, assim, criar e permitir uma nova compreensão e extensão da ideia de linguagem às artes, às religiões, aos ritos, ao teatro, ao cinema etc.

Na perspectiva da semiótica a linguagem carrega consigo um sistema de informações que possibilita a organização, interpretação e comunicação de informações por signos linguísticos e outros desenhos simbólicos. Três são as classificações da língua: a natural, a artificial e a secundária. Embora as duas últimas sejam metalinguagens, a segunda é analisada por Mikhail Bakhtin (1988) e a última por Yuri Lotman (1996).

A linguagem natural é uma estrutura construída a partir de mecanismos de fonação e grafismo espaço-temporal, a linguagem artificial remete às representações e convenções de caráter universal e científico e a linguagem secundária faz referência às artes, aos mitos e às religiões que carregam consigo valores socioculturais que ultrapassam os simples significados da língua natural, como por exemplo, as simpatias populares para retirar verrugas.

O conceito de modelizar deve ser entendido como o meio que permite, a princípio, a leitura de sistemas de signos organizados, embora, em outros momentos, possa conferir estrutura a sistemas de símbolos ainda não ordenados. Em ambos os casos o desígnio é o mesmo: semioticizar, isto é, esclarecer o sentido dos objetos culturais, naturais ou não.

A teoria da semiosfera, criada por Yuri Lotman, propõe a cultura como algo inseparável dos aspectos biológicos. Dessa unidade ocorre a realização de processos

comunicativos e a construção de novas informações significantes: textos, linguagens, memória, temporalidade, organismos vivos e semiose.

Pensando-se assim a cultura passa a ser apreendida pela Semiótica como uma memória coletiva não hereditária que se comporta como fato social dado que os símbolos construídos e conservados coletivamente são transmitidos, por determinado grupo social e mediante a endoculturação, aos indivíduos que o compõem. Desse modo, a cultura como signos de uma coletividade, organiza e ordena a esfera social como um subconjunto de padrões comportamentais: experimentação, informação, textos, memórias – isto é, uma semiosfera.

Uma abordagem de investigação teórica da cultura planetária e sua semiosfera acabam por se constituir como códigos culturais que organizam e processam dados cuja finalidade é regular e controlar o individual e/ou coletivo na medida em que os signos perpassam não somente conhecimentos, mas também sinais de como cada sujeito deve pensar e agir socialmente.

Embora exista, independentemente da sociedade a que o indivíduo pertença, a tentativa, por tradição, de fossilizar os valores pré-existentes em cada um de seus entes por meio de mecanismos de suplício, dispositivos disciplinares ou *noopolíticos*, nenhum sistema cultural, por mais fechado que seja, consegue evitar a penetração de elementos estranhos aos seus costumes, lugar de origem da hibridação (LYOTARD, 1998).

É precisamente no local onde ocorre a troca de símbolos que Lotman (1996) denomina de fronteira semiótica que, na realidade, não existe, ou seja, ela é somente um postulado reflexivo que proporciona um campo de observação dos movimentos sígnicos que ali perpassam. Vale ressaltar que a negação da fronteira se refere ao limite físico, geodésico, entre um local espacial e outro.

Aliás, é na estrita observação do trânsito de símbolos na fronteira semiótica que se pode apreender três ideias fundamentais dos sistemas modelizantes que formam a cultura: individualidade, diversidade e, principalmente, a dinâmica relacional dos signos (RAMOS et al., 2007).

Isso só é possível porque a fronteira opera por meio da dialética união vs. separação que permite, por alteridade, compreender a totalidade dos movimentos dos signos provocados pela afirmação do que pertence e pela negação do que não pertence a este, esse ou aquele lado da fronteira (LOTMAN, 1996).

O processo de identificação do que sou é denominado de individuação semiótica, que na prática permite, em um mesmo momento, estabelecer uma autoconsciência da própria unidade cultural do mundo a que pertenço e a identificação do espaço dos outros que, aos meus olhos, são estranhos e desorganizados, o que impossibilita à sua compreensão e aceitação.

A fronteira em si é porosa em relação aos signos dos demais. O diferente não simplesmente ultrapassa os limites dos outros, como também percola às suas tradições e se anexa a ele de modo recodificado, ressignificado, reordenado, quer

dizer, modelizado. Em outras palavras: o mundo da semiose, composto por centro e periferia, pode até se apresentar como um mundo fechado (realidade extra-semiótica ou alosemiótica), mas não impenetrável.

Um princípio modelizante pode ser classificado como primário ou secundário. O primeiro refere-se à linguagem verbal, núcleo duro, como representante do que é central em uma cultura. O segundo traz à baila as literaturas, os mitos, os folclore etc., habitantes das periferias, residentes do entorno do núcleo rígido que, em regra, são os grandes criadores dos comportamentos sógnicos à constituição de sistemas. Em ambos os espaços, primário ou secundário, a linguagem é o sistema modelizante referencial para a cultura.

Outro fato importante é que a troca de informações não ocorre apenas entre sistemas fechados distintos, há internamente em cada espaço fechado uma tensão entre centro e periferia, cuja permutação de símbolos faz dados nucleares se afrouxarem e elementos flexíveis se enrijecerem.

É justamente nessa fração ontológica da troca de informações, interna e externa, ou centro e periferia, denominada de filtro, que se torna possível perceber o diálogo e, ao mesmo tempo, a unidade entre textos, códigos e linguagens distintas, donde o movimento e olhar da semiosfera à fronteira como um sistema que tanto une quanto separa às individualidades culturais, outorgando, suas especificidades sógnicas de tradução do que é exterior, em consonância ao sentimento de pertença de cada grupo (LOTMAN, 1999), não esquecendo que as sógnicas não modelizadas representam as informações que se encontram fora de um sistema cultural fechado que podem se tornar “um elemento constituinte de uma ordenação caracterizada por limites próprios” (RAMOS et al., 2007, p. 40).

As trocas de signos entre sistemas culturais distintos são heterogêneas. A heterogeneidade não apenas pode como deve ser entendida como uma pluralidade de elementos que perpassam o perímetro, ou a forma como os elementos são apropriados e atualizados por cada lado de dentro da fronteira.

Por esse motivo, o “ir e vir” de símbolos, bem como a sua adaptação a cada realidade *alosemiótica* como forma de ressignificá-lo, é um procedimento necessário para a familiarização da nova e desconhecida informação recém-incorporada ao indivíduo ou ao grupo social que não a possuía.

A recepção e o deslocamento de sógnicos são apelidados de filtro bilíngue já que as trocas e as readaptações dos diferentes dados não são apenas unilaterais, ao contrário, eles são multidirecionais e incontroláveis na medida em que não há como escolher os elementos que podem cruzar ou não a fronteira, apesar de ser possível determinar o que permanecerá do lado de dentro do perímetro.

Não há como evitar a hibridação dos elementos culturais, sejam eles de primeira realidade (observado pela Antropologia) ou segunda realidade (observado pela Semiótica da Cultura). Todavia, cada mundo fechado, a seu modo, fixa ou afasta o novo signo que adentrou em seu sistema. Tanto é que qualquer componente só será

fixado do lado interno da fronteira, após passar, necessariamente, por uma atualização.

Em tal movimento, que é circular, nem todos os elementos estão associados a uma ordenação específica de significação, conseqüentemente a semiosfera também se volta para fragmentos de uma estrutura semiótica, remetendo-nos ao pensamento de Geertz (2001) que, propõe, ser necessário examinar os estilhaços de um mundo que se encontra em pedaços, mas não em pedaços soltos, perdidos ou sem sentidos, e sim como nós da complexa teia que possibilita remontar o significado dos estilhaços na sua relação com o todo.

Estilhaçados ou não, os elementos culturais ultrapassam as fronteiras. Nela é possível perceber os processos sógnicos que interferem na atualização e na constituição da reinterpretação dos diferentes signos, local onde necessariamente as transferências informacionais constituem novos “textos culturais sob o qual incide as mais variadas formas de mediação” (RAMOS et al., 2007, p. 40).

Textos culturais representam tudo àquilo que têm uma unidade de sentido, estruturada ou não. Um mesmo texto pode ter várias interpretações pois são muitos os sistemas fechados envolvidos nas trocas. Toda essa dinâmica de relações faz com que as permutas de informações entre realidades extra-semióticas sejam ininterruptamente alteradas pelas ilações geradas por diferentes tipos de signos que operam nas fronteiras semióticas que atravessam a semiosfera.

Como uma das características dos movimentos sógnicos é o deslocamento interno entre as regiões de centro e periferia, a mútua contaminação é inevitável. Por sua vez, qualquer mobilidade para ser apreendida por um observador necessita que sua atenção esteja voltada tão-somente à materialidade dos textos culturais que projetam os significados dos símbolos de acordo com a modelização da tradição ao qual pertence. Lembrando que textos culturais se referem aos espaços semióticos em que ocorrem as interações, ou seja, locais onde as linguagens se interferem e se auto-organizam em processos de modelização.

Portanto, a interpretação epistemológica do conceito de signo na Semiótica da Cultura é diferente das abordagens científicas da Antropologia e Linguística. Na Antropologia o signo observado remete às produções material ou imaterial na relação homem-natureza-homem, na Linguística o símbolo é explicado por meio da tríade signo, significante e significado e na Semiótica da Cultura o signo é estudado como “algo” que está no lugar de outra coisa.

Por exemplo: imagine um único copo artesanal feito de madeira nobre por um importante sacerdote, cuja construção demorou anos. A história do surgimento deste copo começa desde o plantio da muda escolhida pelos anciãos acima de setenta anos até o amadurecimento ideal para o corte do troco da árvore que pode ser feito somente pelo mais forte dos guerreiros na sétima lua crescente do ano que encerra o ciclo sagrado dos deuses da paz, fertilidade e prosperidade.

Caso se observe ou se busque entender a função do copo, bem como o papel sagrado que ele desempenha nos ritos da horda, clã e/ou tribo, é Antropologia. Caso

se busque o significado a partir do signo, copo em si, na relação com o seu significante, é Linguística. E caso o copo seja tomado como um elemento mágico que carrega consigo o poder de curar os enfermos, é Semiótica da Cultura.

4 | A CULTURA NA PERFORMANCE DOS ESTUDOS DE CULTURA

Néstor García Canclini (2000) busca explicar como a hibridação, especialmente no século 20, altera o modo de se pensar a identidade, a cultura, a desigualdade, o multiculturalismo e, sobretudo, os conflitos sociais entre tradição moderna e pós-moderna, entre norte e sul, entre local e global, isto é, entre cultura e poder.

O conceito de hibridação não pode ser confundido com a simples ideia de união harmônica dos diferentes. Ao contrário, hibridação são processos socioculturais conflitivos que existiam de modo separado e que, posteriormente, se combinaram para gerar novos objetos e práticas interculturais frente à decadência de projetos nacionais de modernização.

Não obstante, os objetos de observação empírica, por método hermenêutico e contribuições da semiótica, não é a hibridez em si, e sim os processos de hibridações, seja nas artes, na vida cotidiana ou no desenvolvimento tecnológico, que podem ocorrer de forma planejada – através de exposições, mostras e museus –, ou de modo não planejado devido aos processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional.

Pode-se acrescentar aqui também, o conceito de crioulização proposto por Édouard Glissant (2005). De modo geral, o seu conceito de crioulização refere-se à mistura de elementos culturais entre diferentes indivíduos que foram arrancados de sua terra natal e colocados em um mesmo espaço geográfico. O que faz a crioulização ser o resultado da convergência de diversas culturas como o meio de socialização dos sujeitos frente às múltiplas alteridades.

O processo de hibridação interessa tanto aos setores cultos como aos setores populares. Os primeiros, que representam os tradicionalistas, visam assegurar sua hegemonia por meio da concepção de que o patrimônio, como identidade nacional de um povo, deve ser preservado, restaurado e difundido tal como ele é, de modo que qualquer nova manifestação, fora do pré-estabelecido, seja subsumida (GARCÍA CANCLINI, 2000).

Os segundos representam a visão dos pós-modernos que, em um passado não muito distante, segunda metade do século 20, viram-se impedidos pelos tradicionalistas, especialmente nos países da América Latina, de se manifestarem através de novas criações artísticas que não àquelas tradicionalmente conhecidas (GARCÍA CANCLINI, 2000).

A pior coisa para os tradicionalistas que procuram preservar a encenação de uma identidade como condição indispensável à unidade de uma nação são as novas

propostas que querem mudar o já estabelecido como erudito (e se popular, como folclore), reformulando o que está escrito, o que está definido, a fim de se modernizar, no período histórico em questão, pós se modernizar (GARCÍA CANCLINI, 2000).

O problema é que a exigência dos conservadores de só admitirem o já estabelecido é um idealismo utópico. Eles ignoram o fato de a cultura ser dinâmica e não estática e de ela estar sempre se renovando – uma transmutação que não implica na desvalorização dos valores existentes e sim na integração entre eles e os novos emergentes.

Entretanto, por mais que o lado hegemônico tente, a todo custo, colocar em inércia os valores culturais identitários existentes, ele se esquece de que na contemporaneidade um país não é mais uma nação, que a cultura não é mais um consenso e que as fronteiras não são meramente geodésicas (GEERTZ, 2001).

As coisas agora são transnacionais, pois estamos na era da “hibridez, colagem, *mélange*, miscelânea, montagem, sinergia, bricolagem, criolização, mestiçagem, miscigenação, sincretismo, transculturação, terceiras culturas, e outros termos” (HANNERZ, 1997, p. 26, grifo do autor) que, apesar de suas diferenças conceituais, possuem algo em comum: são usadas para tratar de objetos relativos à cultura, à natureza e à sociedade, cujos fluxos são percebidos somente mediante a postura de deculturação do pesquisador.

Dessa maneira, os estudos pós-modernos sobre fluxos culturais mostram que não é mais possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos de uma nação. Os criadores da pós-modernidade propõem deslocar o objeto de estudo da identidade para as hibridações multiculturais em que resultado desafia mais uma vez o pensamento binário das sociedades disciplinares que tentam a qualquer custo ordenar o mundo em oposições simples.

A mudança de referência dos processos culturais da identidade para a hibridação retirou dos tradicionalistas o suporte ideológico das políticas de homogeneização das pluralidades culturais. Assim, as hibridações, bem como aqueles outros conceitos como processos de interseção e transação, tornaram possíveis a existência e a passagem da multiculturalidade em interculturalidade, evitando, pois, qualquer tipo de segregação na observação e análise das diversidades culturais de cada grupo social que, não necessariamente se conhecem, mas compartilham, graças ao ciberespaço, interesses virtuais comuns.

Diga-se de passagem, promover algum tipo de segregação teórica para a adequação do conteúdo à realidade é uma prática comum dos conservadores das sociedades binárias que se veem obrigados a desconsiderar em seus pensamentos uma série de fenômenos complexos que escapam às suas regras conceituais de interpretação e compreensão das contradições que envolvem fluxos sógnicos não admitidos como existentes ou de expressiva importância (HANNERZ, 1997).

Para Hall (2003) o conceito de hibridação, quando se fala de misturas sógnicas, é mais eficiente não só para nomear as combinações de elementos étnicos ou religiosos,

como também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos e pós-modernos, uma vez que a hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas tais como as atualizações interculturais geradas pelas integrações dos Estados nacionais, os populismos políticos, as indústrias culturais e, principalmente, o ciberespaço.

Daí a necessidade de se discutir os vínculos e desacordos entre modernidade, modernização e modernismo, bem como o problema da América Latina ser ou não moderna, afinal os dramas históricos, principalmente após a década de 90, se hibridaram mais em movimentos culturais do que sociais e políticos em um mundo cuja comunicação se tornou midiática (GARCÍA CANCLINI, 2000).

A questão é que com as tecnologias da informação, em especial à internet, onde existe uma comunicação em tempo real de todos com todos, as tradicionais explicações das ciências sociais sobre as manifestações culturais (erudita, popular e/ou massiva) se apresentaram e se apresentam insuficientes no mundo pós-moderno (LÉVY, 2010).

A insuficiência em esclarecer as novas manifestações ocorre porque cada ciência social, a seu modo, observa nas produções humanas somente o que lhe interessa. Consequentemente, os resultados de seus estudos também são parciais e insatisfatórios à compreensão das hibridações que, para serem plenamente apreendidas, exige a inclusão dos diferentes fenômenos simbólicos, até mesmo daqueles que não se encaixam nos arquétipos da modernidade.

A História e a Literatura, por exemplo, se voltam à cultura elitista, a Sociologia e a Antropologia se dirigem à cultura popular, a Comunicação e a Semiótica se inclinam à indústria cultural (ou cultura de massa). García Canclini (2000) utiliza a metáfora de entrar e sair da cidade para explicar a especificidade de cada ciência em suas observações. Para ele o antropólogo chegaria à cidade a pé, o sociólogo de carro e apenas pela pista principal, o comunicólogo de avião e o historiador sairia do centro antigo da cidade em direção à periferia.

Contudo, na pós-modernidade, de modo oposto aos que pensavam os tradicionalistas, não ocorreu à substituição dos mitos pela ciência, nem a submissão do artesanato pelos produtos industrializados, e nem os livros foram trocados pelos meios audiovisuais como sugeriram os intelectuais da escola de Frankfurt.

Pelo contrário, os meios de comunicação – rádio, TV, telefone e internet – fizeram com que as sociedades deixassem de ser disciplinares e se transformassem em sociedades de controle, local onde as manifestações passaram a ser múltiplas, complexas e híbridas, donde o conceito de multiculturalidade a interculturalidade.

Também o culto do tradicional, tido como hegemônico, não foi apagado pela industrialização dos bens simbólicos, até mesmo porque os livros passaram a ser mais publicados do que em qualquer outra época e os museus aumentaram significativamente o número de seus visitantes. Dito de outro modo: a modernização diminuiu o papel do culto e do popular tradicionais, mas não os suprimiu, uma vez que a arte, o folclore,

o saber acadêmico e a cultura industrializada foram redimensionadas sob condições relativamente semelhantes.

Nesse passo, a modernidade se apresenta como fruto do fracasso em subsumir as concepções não tradicionais pelos movimentos culturais e artísticos modernos em que o intuito era o de preservar a hegemonia de um grupo específico. Sabe por quê? O projeto de renovação do tradicional pelos modernos falhou na medida em que o culto, o popular e o massivo, através da hibridação, romperam com os seus mundos fechados e se misturaram, preservando de certo modo as suas singularidades.

O resultado final foi à origem de novos movimentos interculturais que levaram os pós-modernos a pensarem a relação entre a modernidade como etapa histórica, a modernização como processo socioeconômico e o modernismo como projeto cultural de renovação das práticas simbólicas, em um sentido experimental ou crítico.

Em resumo: em um mundo que se encontra em pedaços, o que há a ser examinado são apenas partes, ou melhor, pequenas partes que unidas formam uma grande “colcha-de-retalhos”, que na prática representa às produções de símbolos, que é o próprio conceito de cultura híbrida como uma espécie teia cujos significados são compreendidos apenas se inter-relacionados.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a cultura é restrita a espécie *homo sapiens*. Também é inegável que uma característica tão singular não pode ser ignorada uma vez que ela serve tanto como elemento de distinção entre a espécie humana e as demais espécies como para distinguir em um mesmo ambiente (ou espaço físico) o que é e o que não é criação humana.

A cultura é o que torna os homens humanos. É ela que permite a cada um dos indivíduos ir da socialização à sociabilidade no grupo social a que pertence e/ou escolheu viver. É ela que permite aos sujeitos se adaptarem ao coletivo, de aprenderem a conviver com seus pares e a se comunicarem com os outros, estranhos ou não.

Portanto, a cultura, independentemente do modo como é apreendida pela Antropologia, Semiótica da Cultura e Estudos Culturais, é a ponte e a porta para o ingresso, adaptação e relação entre seres humanos; e mais, apesar de suas diferenças de um grupo social para outro, de uma região para outra, ela não perde sua propriedade fundamental, a saber: a cultura é a representação máxima da identidade de um povo, algo capaz de revelar coisas como comportamentos, hábitos, costumes, crenças etc.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília: UnB, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Nova Cultura, 1988. (Os

pensadores).

BOAS, Franz. Os objetivos da pesquisa antropológica. In: _____. **Antropologia cultural**. Tradução: Celso Castro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. p. 87-109.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. cap. 1, p. 23-35.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FEYERABEND, Paul. **Adeus à razão**. Trad. Vera Joscelyne. São Paulo: Unesp, 2010.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2000.

GEERTZ, Clifford. O mundo em pedaços: cultura e política no fim do século. In: _____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. cap. 11, p. 191-215.

_____. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. cap. 1, p. 3-21.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo A. Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005

HALL, Stuart. Estudos culturais: dois paradigmas. In: _____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO Brasil, 2003. p. 247-263.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n. 1, p. 7-39, abr. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100001>. Acesso em: 05 jul. 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010. (Coleção TRANS.).

LOTMAN, Yuri. **Cultura y explosión**: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Frónesis, 1996.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MOL, Annemarie. Política ontológica: algumas idéias e várias perguntas. In: NUNES, João Arriscado (Org.) **Objectos impuros**: experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008. Cap. 2, p. 63-78.

MORGAN, Lewis Henry. A sociedade antiga. In: CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 67-100.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Unesp, 1996.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria L. de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia G. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkehim e Weber. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RAMOS, Adriana Vaz et al. Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, Irene (Org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007. Cap. 1, p. 27-44.

SAHLINS, Marshall David. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

TYLOR, Edward Burnett. A ciência da cultura. In: CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 67-100.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-203-6



9 788572 472036